

190				
			1999	

GERAL ▼ ÍNDIOS

Os Guarani exigem direitos

Aldeias se reúnem para traçar objetivos conjuntos e planejam ocupação de terra

Gisele Kakuta Monteiro
PALHOÇA

Às vésperas das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, os índios Guarani, primitivos do Litoral do país, não têm o que festejar. Reunidos na aldeia de Massiambu, município de Palhoça, na Grande Florianópolis, representantes de cerca de 30 aldeias das regiões Sul e Sudeste, além de Mato Grosso do Sul, discutem seus problemas e planejam estragar a festa organizada pelo governo com ações comuns, que incluem a ocupação de terras.

A reunião, que começou sexta-feira, prossegue até terça-feira. Os índios expõem a situação de cada região nas áreas de saúde, educação, agricultura e demarcação de terras. "Até 1995, essas reuniões eram frequentes. Mas por falta de recursos para deslocar aqueles que vêm de longe tivemos que interromper. Mas como as dificuldades aumentaram, decidimos unir os Guarani para pressionar o governo", disse Leonardo da Silva Gonçalves, da aldeia de Massiambu e um dos coordenadores do encontro.

Em conjunto, os índios Guarani das diversas tribos já conseguiram assegurar terras e apoio do governo para desenvolver a agricultura, como na autodemarcação da região de Bracuí, no Rio de Janeiro, em 1994, pressionando a Fundação Nacional do Índio (Funai) a oficializar a área como reserva indígena.

Os próximos desafios são garantir novas terras. "No dia 20 de dezembro deste ano, nós estaremos organizando a ocupação de 15 mil hectares em Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul", anunciou Fortunato Gonçalves, cacique da aldeia Ouro Verde, com 220 pessoas, que pretende transferir do município de Amambai para o local. "Há dois anos, estamos discutindo com a Funai. Já mandamos até um abaixo-assinado à fundação. Agora chega de conversa", explicou o cacique durante a reunião. Segundo ele, a área abriga quatro cemitérios, onde estão enterrados seus antepassados.

Uma outra prioridade é o atendimento de saúde diferenciado. "Os brancos não respeitam nossa medicina. Também precisamos do contato com a natureza, mas eles não querem deixar nossas crianças andar descalças porque acham que é falta de higiene", afirmou Leonardo.

Na área da educação, os Guarani reforçam a reclamação do desrespeito à cultura indígena. "É preciso passar as duas culturas, e não tudo do ponto de vista deles", comentou o coordenador da aldeia de Massiambu.

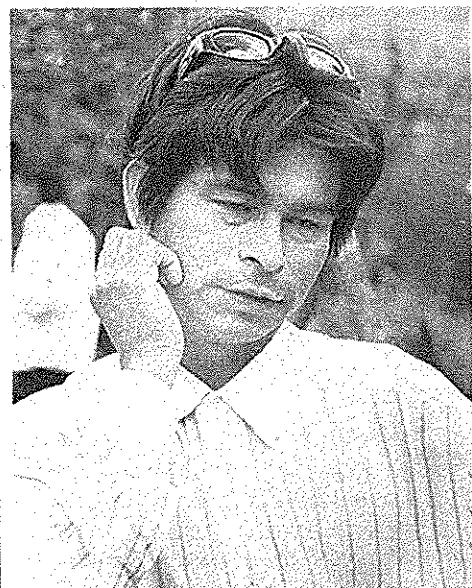
Na pauta de reivindicações, os índios destacam outro item. Pretendem levar ao governo o protesto contra a classificação como pequenos agricultores. "Nós recebemos sementes e equipamentos para cultivar, e temos que retribuir. O que plantamos é para consumo próprio e não pensamos em vender para conseguir dinheiro e pagar", disse o coordenador.



FOTOS TK HELENA/DC/PALHOÇA

CONSELHO: Representantes dos Guarani, reunidos na Baixada do Massiambu, pedem mais acesso à saúde e à educação

SITUAÇÃO NOS ESTADOS



"Vivemos junto com 8 mil índios de outras etnias. Queremos nossas próprias terras, onde estão os antepassados dos Guarani. Como não conseguimos plantar, nossas crianças passam fome. Na única escola da aldeia não tem vaga para as crianças. De vez em quando, os agentes de saúde da cidade passam na aldeia. Mas não sabemos quando eles vão. Às vezes demoram três semanas."

Fortunato Gonçalves, cacique da aldeia Ouro Verde, com 220 pessoas, em Amambai, Mato Grosso do Sul



"Há três meses, a Funai tirou a assistência médica da aldeia. Ficamos sem remédios e temos que comprar na cidade de Maquiné, que fica a 30 quilômetros. O estado prometeu dar escola, mas até agora nada. São 18 crianças que não estudam. Quatro estão aprendendo a língua dos brancos em Massiambu. Tem que saber para entender as leis."

Avelino Gimenez, cacique da aldeia Baradouro, com 72 pessoas, em Maquiné, no Rio Grande do Sul.



"Uma indústria de papel invadiu nossas terras. Conseguimos recuperar uma parte, mas queremos o restante. Eles plantam eucalipto, que puxa toda a água do solo. Os córregos secaram e a terra está ficando cada vez mais árida. É ruim para a plantação da comida e das ervas para curar doenças. Não podemos ir no hospital porque eles falam que não temos direito."

Maurício da Silva Gonçalves, cacique da aldeia de Três Palmeiras, com 60 pessoas, em Aracruz, Espírito Santo.